

A bênção da longevidade

29/04/2021

Maria Clara Bingemer

teóloga, professora do Departamento de Teologia da PUC-Rio

A humanidade está ficando mais velha, dizem as estatísticas. E isso parece que é bom, porque só atinge a velhice quem vive mais tempo. Pelo menos parece ser o que todos buscamos: viver muito, desfrutar até onde for possível das alegrias que significam viver, existir. E adiar a morte, conhecida por muitas culturas, notadamente a ocidental. A poesia a identificou como “a indesejada das gentes”. E mesmo os escritores bíblicos a chamaram por nomes negativos, como o apóstolo Paulo: “a última inimiga a ser vencida”; e o autor do último livro da Bíblia, o Apocalipse, que a inclui entre os quatro cavaleiros que anunciam a catástrofe final, ao lado da fome, da guerra e da peste.

Por isso, a longevidade é uma bênção e viver muitos anos um prêmio a que todos aspiram. Assim, o livro do Êxodo exorta o israelita a honrar o pai e a mãe “para que se prolonguem os seus dias na terra que o Senhor teu Deus te dá”. O livro dos Provérbios promete que quem aceita as palavras divinas verá seus anos de vida multiplicados, afirmando igualmente que o galardão da humildade e o temor do Senhor são riquezas, honra e vida longa. No livro dos Salmos, é prometido a quem guarda a língua e os lábios do mal e da mentira, praticando o bem, largos dias para ver esse bem florescer e frutificar. E ao justo que invoca o Senhor, este estará com ele na angústia, dando-lhe abundância de dias e mostrando-lhe a salvação.

O Novo Testamento seguirá essa rica tradição judaica. Toda a pregação e ação de Jesus de Nazaré é curativa, procurando dar às pessoas mais tempo de vida, e vida plena. Assim é que vemos nos Evangelhos curas de várias doenças, físicas e mentais. Há narrativas do poder de Jesus ressuscitando mortos como o filho da viúva de Naim e de seu amigo Lázaro. Nos escritos paulinos, é resgatada a orientação da Bíblia Hebraica sobre a honra que é devida aos pais. A quem isso pratica, como diz a Carta aos Efésios, será dada uma vida longa sobre a terra.

Não se encontrará no texto bíblico nenhuma afirmação de depreciação à vida. Pelo contrário, há sempre uma valorização da mesma, encarando o fato de ela ser longa como uma bênção de Deus, que não quer a morte de ninguém, nem do pecador, mas que ele viva. A tradição cristã seguiu fiel a essa revelação divina destacando-se pelo serviço aos pobres, dando-lhes alimento e abrigo, a fim de sustentar-lhes e prolongar-lhes a vida.

A Igreja foi pioneira na edificação de hospitais que pudessem cuidar dos doentes e devolver-lhes a saúde quando a morte os ameaçasse. E os pensadores de todas as configurações, assim como os profetas judeus e cristãos, sempre denunciaram qualquer mecanismo que pretendiam agredir a vida dos pobres e dos vulneráveis, trazendo-lhes a morte prematura e indesejada, impedindo-os de chegar à plenitude dos seus dias, vendo os filhos nascerem e crescerem e os filhos de seus filhos encherem a casa de alegria e fecundidade.

Na verdade, o anjo da morte é o mesmo que detém a paternidade da mentira e do mal. A morte é vista pelo escritor bíblico como fruto do pecado, devendo, portanto, ser temida e exorcizada como um mal. E a morte dos anciãos é sempre chorada e sentida, ainda que haja o

consolo de terem chegado ao fim de seus dias. Do mesmo modo, a morte do jovem, por necessidade, por violência, por injustiça é repudiada e rejeitada por todo aquele ou aquela que deposita sua confiança no Deus da vida.

Durante a pandemia que vivemos, temos tido a oportunidade de ver os idosos sendo mais ameaçados pelos efeitos devastadores do vírus que a todos amedronta. Vimos também cenas edificantes de profissionais da saúde dando o melhor de seu saber e energias para salvar essas vidas mais fragilizadas pela idade e devolvê-las ao convívio de seus familiares e parentes. Grupo prioritário para a vacinação, foi bonito ver os idosos aliviados e alegres por poder enfim ter acesso às doses daquela que se tornou a única esperança contra esta grande ameaça que não poupou nenhuma parcela da humanidade.

Por isso, sentimo-nos tão chocados ao ouvir declarações de homens públicos reclamando da longevidade das pessoas que supostamente quebraria o sistema e o Estado. A queixa de que “as pessoas querem viver 100 anos”, anatematizando o desejo vital mais característico do ser humano agrediu nossos ouvidos e nossos olhos. Incrédulos, nos custa crer no que ouvimos. A graça de poder viver mais tempo então é vista como uma ameaça aos cofres públicos? O que incapacitou o atendimento do setor público não foi a pandemia, mas sim o avanço na medicina e o direito à vida? O Estado não aguenta que as pessoas hoje vivam mais e desejem viver mais?

Difícil de acreditar. Em todo caso, como resposta a isso, a carta encíclica Fratelli Tutti, do Papa Francisco, de recente publicação, responde a isto quando diz no nº 18 do texto que as pessoas já não são vistas como um valor...especialmente...se “já não servem” (como os idosos). E no nº 19: “o abandono dos idosos numa dolorosa solidão exprime implicitamente que tudo acaba conosco, que só contam os nossos interesses individuais.” E recordando as vítimas da pandemia acrescenta no nº 35: “Oxalá não nos esqueçamos dos idosos que morreram por falta de respiradores, em parte como resultado de sistemas de saúde que foram sendo desmantelados ano após ano.”

O Papa considera que os idosos estão entre os “exilados ocultos” de nossas sociedades da abundância que se tornam desumanas com a obsessão de gerar riquezas e consideram como peso as pessoas que entendem que já não podem contribuir. Viver 100 anos e até mais é justo e desejável, sim. Vidas humanas não são descartáveis. A garantia de uma vida humana é o próprio Deus da vida que nelas soprou seu Espírito e deseja vê-las cheias de dias, contribuindo com sua experiência e sabedoria para a construção da memória sem a qual a humanidade se perde e deteriora. Como diz o salmo 92: “Mesmo na velhice darão fruto, permanecerão viçosos e verdejantes”.

Nossa utopia deveria ser não desejar que encurtem os dias das pessoas para que as contas fechem na Previdência e no serviço público. Mas poder dizer como o salmista: “Já fui jovem e agora sou velho, mas nunca vi o justo desamparado nem seus filhos mendigando o pão.”